

# MEMÓRIAS DE LEITURA: prática leitora em José Simeão Leal

Perpétua Emília Lacerda Pereira<sup>1</sup>  
Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira<sup>2</sup>

## Resumo

Reconstrói o perfil leitor do paraibano José Simão Leal, através de alguns fragmentos extraídos em cartas recebidas por ele e que pertencem ao Fundo Arquivístico José Simeão Leal, aliado ainda às contribuições da História Oral. A análise do corpus revelou traços, gestos e costumes de um modo peculiar de ler, individualizado e ao mesmo tempo extensivo. Os resultados conferem certa legibilidade possível em suas práticas leitoras.

## Palavra-chave:

## PRÁTICAS DE LEITURA

### 1 INTRODUÇÃO

Resultante do trabalho de conclusão de Curso de Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal, este estudo objetivou investigar as práticas leitoras de José Simeão Leal, a partir dos vestígios registrados nas cartas, tomadas nesta pesquisa como fonte primária, que, na concepção de Zilberman *et al* (2004), são formas concretas, palpáveis e materiais. Tal imersão permitiu tomar a história oral como aliada dessas análises e, assim, traçar o perfil de um leitor individualizado com seus gestos e costumes, apesar da sociedade que se instaurava no período histórico vivido por nosso investigado.

O intelectual José Simeão Leal, personagem do nosso trabalho, apresenta-se, antes de tudo, como um apaixonado pelos livros. Sua trajetória política está inserida no período da história brasileira, que compreendeu os anos de 1930 a 1961, quando

[...] esteve integrado no processo na revolução numa cena localizada na Paraíba. Sendo assim, insere-se no processo histórico brasileiro quando João Pessoa é assassinado a tiros numa confeitaria em Recife. Nesse período, Simeão já vivera no Rio de Janeiro e tinha assimilado a experiência cultural e intelectual da cidade, estava completamente familiarizado com o panorama nacional da política brasileira, mantendo-se próximo dos acontecimentos já que era sobrinho de José Américo de Almeida, líder da Revolução de 30 no Nordeste. (DUARTE, 2001, p. 137).

Depois de sua marcante trajetória política e pública no estado da Paraíba, como no governo de Rui Carneiro, entre os anos de 1940 e 1945, com o cargo de Diretor do Departamento do Serviço Público e, em 1940, na Delegacia Regional do Recenseamento, com os cargos de Secretário Regional do Serviço Nacional de Recenseamento do Estado da Paraíba e Diretor Geral desse mesmo órgão público, além das suas pesquisas realizadas sobre

<sup>1</sup> Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB – Campus I e Orientadora do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia/UFPB.

o folclore e a pesquisa popular paraibana, Simeão foi nomeado, em 1947, para trabalhar no Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, na cidade do Rio de Janeiro, oportunidade em que lançou a Revista Cultura, com o intuito de fazer uma renovação cultural e artística no Brasil. Assim,

[...] este intelectual se configuraria como um produtor de idéias e de livros para a população em geral. [...] a grandeza da obra de Simeão era exatamente a percepção de despertar os escritores, cientistas, técnicos e artistas, convidando-os para retratar o Brasil e assuntos de interesses culturais de modo abrangente. (DUARTE, 2001, p. 154).

Percebe-se, portanto, a importância de José Simeão Leal para a sociedade considerando que essa prática de instigar a produção cultural tende a revelar um Simeão Leal, leitor. Estudar essa possibilidade é intentar uma análise microanalítica ou, ainda, estudar a história das mentalidades, considerando que os livros e seus conteúdos podem contribuir para a formação de um pensar interior, como observa Ginzburg (2002, p. 28):

O que tem caracterizado os estudos ou história das mentalidades é a insistência nos elementos inertes, obscuros, inconscientes de uma determinada visão de mundo. As sobrevivências, os arcaísmos, a afetividade, a irracionalidade delimitam o campo específico da história das mentalidades, distinguindo-a com muita clareza de disciplinas paralelas e hoje consolidadas, como a história das idéias ou a história da cultura.

## 1.1 Vestígios nas correspondências

Utilizamos como fonte de dados as marcas dessa história encontradas em parte das correspondências recebidas por José Simeão Leal, no período de 1944 a 1991, cujo conteúdo extraímos as que estavam relacionadas a livros, textos, correções, isto é, à leitura. Essa relação não estava, na maioria das vezes, nítida entre as linhas mais insistentes nos elementos inertes.

As marcas correspondem ao passado e deixaram rastros, aqui identificados nas fontes coletadas \_ documentação e história oral, que consiste em “deixar um resto do que foi e não é mais, mas é também deixar um signo desse tempo já transcorrido” (ZILBERMAN *et al*, 2004, p. 184).

As citadas correspondências estão fisicamente alocadas no Núcleo de Documentação e Informação Histórico Regional (NDIHR), na qualidade de fiel depositário, na Universidade Federal da Paraíba, disponíveis ao público para serem pesquisadas. Elas são em número de 324 e encontram-se encapsuladas ou revestidas com filme de poliéster de 75 microns e ordenadas cronologicamente em pastas especiais.

Para caracterizar as práticas de leitura, assim como o perfil de leitor de José Simeão Leal, através das cartas recebidas por ele, faz-se necessária uma análise microanalítica desses documentos, ou seja, foi preciso trilhar etapas, buscando referências direcionadas a este estudo.

As cartas foram analisadas respeitando-se as seguintes etapas: “a pré-análise; a análise do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (BARDIN, 1979 *apud* RICHARDSON, 1999, p.230). A essas etapas foram ainda acrescentadas as contribuições da história oral, em que “o narrador, ao contar experiências vividas com o outro, expressa a necessidade de um lugar para se amparar”. (MEIHY, 1998, p.31).

Dessa forma, esse recurso permite uma aproximação entre o entrevistado e o entrevistador, com o objetivo de colher informações e analisá-las. Para tanto, é essencial, na história oral, o uso da tecnologia, isto é, do gravador, como confirma Meihy (1998, p.23): “a

base da existência da história oral é o depoimento gravado. Sem gravação não se pode falar em história oral”. Os depoimentos coletados, aliados às cartas, permitiram seguir o fio que possibilitou desenhar a prática leitora de José Simeão Leal.

## **2 PRÁTICAS DE LEITURA: uma leitura na prática**

Não é tarefa fácil estudar as práticas de leitura, diante da complexidade e dos diferentes aspectos que esse campo de pesquisa comporta. Surgem questionamentos importantes e necessários para, a partir de uma documentação, verificar como estudar os textos, tais como: O que é leitura? Como investigar a memória da leitura? Quem é o leitor? Em que período histórico ele se encontra? O que se lê? Quais as práticas de leitura utilizadas? Enfim, saber como se ler é determinar no leitor seu modo de pensar, isto é, o sentido que é dado pelo leitor ao que ele lê, sentido exclusivo ou pessoal, conforme assevera Manguel (1997, p.20)

[...] é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que o reconhece neles, é o leitor que deve atribuir significados a um sistema de signos e depois decifrá-los. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar. É nossa função essencial.

Antes de chegarmos ao objeto de estudo, que consiste em investigar as práticas de leitura de José Simeão Leal, retomemos a história da leitura e veremos então que ler não está direcionado apenas para à leitura de livros. Ler as letras de uma página é apenas uma das suas modalidades:

### **2.1 PRÁTICAS DE LEITURA: breve panorama histórico**

Na França do século XVI, ainda era restrito o acesso à leitura, quadro que foi se modificando de acordo com as transformações socioculturais, como a lascização e o surgimento das universidades, que envolvem também a história do conhecimento. Inicialmente, os participantes dessa história, descobridores, produtores e disseminadores do conhecimento eram conhecidos como “intelectuais”.

Do século XV ao XVIII, os acadêmicos se referiam regularmente a si próprios como cidadãos da “República das Letras” (*Respublica litteraria*). Com esse termo, eles tinham a sensação de pertencer a uma comunidade que transcendia às fronteiras nacionais. Tratava-se de uma comunidade imaginária, mas que tinha costumes próprios, “como a troca de cartas, livros e visitas, para não mencionar modos ritualizados através dos quais os mais jovens demonstravam respeito pelos colegas mais velhos, que podiam ajudar a lançar suas carreiras”. (BURKE, 2003, p.26)

Vale apontar que as mulheres tinham uma participação ainda muito pequena, tanto na “República das Letras” quanto nas universidades. Segundo Burke (2003), elas podiam aprender latim com parentes ou com algum tutor privado, mas, se tentassem entrar no círculo dos humanistas, por exemplo, poderiam ser castigadas. Ainda havia o domínio da Igreja, por isso a maioria dos alunos e professores era de ordem religiosa. De meados do século XVIII em diante é que iniciou uma diferenciação desses grupos e, conseqüentemente, o contexto institucional do conhecimento tornou-se parte essencial de sua história.

Nosso interesse pela história das práticas de leitura, enquanto história do conhecimento, é conhecer de que maneira os indivíduos adquiriam ou se apropriavam do conhecimento. Para a nobreza, esse conhecimento podia ser comprado por assinatura de publicações de diferentes tipos. Existiam também as bibliotecas públicas, apesar do seu acesso restrito ou devido à localização ou à dependência, muitas vezes, das atitudes do bibliotecário e de sua equipe. Ainda assim, as bibliotecas públicas aumentavam consideravelmente o seu número, como também os museus, que se tornavam mais acessíveis.

Deixando os intelectuais um pouco à margem, tomemos, neste momento, como sujeitos na França do século XVIII, os leitores camponeses. Graças a um conjunto documental diferente, isto é, um questionário elaborado pelo vigário Grégoire, temos algumas informações sobre esses leitores, relacionadas aos hábitos de leitura. Algumas perguntas que faziam parte do questionário são: “Os vigários têm um sortimento de livros para emprestar aos paroquianos? Que espécie de livros são mais comumente encontrados em suas casas? As pessoas do campo têm gosto pelas leituras?” (CHARTIER, 2004, p. 236).

Era prática de leitura dos camponeses, segundo Chartier (2004), a releitura. Eles tinham a fúria de voltar vinte vezes à mesma leitura, e quando falavam delas (o que faziam de muito bom grado), recitavam palavra por palavra seus livretos. Caracterizavam-se como práticas as leituras comunitárias ou familiar, como escutar de uma fala leitora; no inverno, principalmente, eles liam ou mandavam seus filhos lerem em família livros religiosos; liam em voz alta por ocasião das vigílias.

### **2.1.1 Práticas de leitura nas bibliotecas dos séculos XVII e XVIII**

Através das bibliotecas urbanas também se conseguiu chegar até a leitura, isto é, a determinados textos. Esse tipo de acesso ao livro é observado entre os séculos XVII e XVIII, quando ocorre um admirável aumento do número de bibliotecas públicas na França, sendo então permitido o uso coletivo, ampliando as possibilidades para os leitores que não dispunham de livros. As práticas de leitura nas cidades da França durante o período do século XVIII, até o fim do Antigo Regime, estão diretamente ligadas às práticas do impresso, isto é, do livro:

Para resgatar essas práticas, há necessidades, de uma precaução e uma intenção diretiva. A precaução: ela consiste em não esquecer que a produção impressa não se reduz, longe disso, à edição de livros. Esse fato é de importância para os impressores que freqüentemente vivem de trabalhos na cidade, mais do que da impressão de obras. E também para os leitores, sobretudo os mais humildes, para os quais ler não é forçosamente ler um livro, mas decifrar, cada um à sua maneira, todos os materiais impressos, religiosos ou profanos, seja de sua propriedade ou afixados e distribuídos na cidade, circulando em grande número. A intenção diretiva: ela visa caracterizar as práticas de leitura a partir de uma tensão central entre foro privado e espaços coletivos. (CHARTIER, 2004, p.174)

### **2.1.2 Revoluções da leitura: da transição à passagem**

Transcrever sobre as “revoluções da leitura” significa entrelaçar as mudanças Históricas (social, política, cultural) dentro do contexto da História da Leitura. Para Chartier (2003), as revoluções da leitura ocorrem desde que o homem passou a dominar o registro escrito.

Sendo assim, de acordo com as revoluções ocorridas no decorrer dos séculos, conseqüentemente, havia também uma transição das práticas de leitura. Como exemplo dessas alterações nas modalidades de leitura temos, na Idade Média, a transição da leitura oralizada à leitura silenciosa. Conforme ressalta Chartier (2003, p.33), essa transição “da passagem de uma leitura necessariamente oralizada, indispensável ao leitor para a compreensão do sentido, a uma leitura possivelmente silenciosa e visual”.

Outra transformação sobre as formas ou o estilo de ler, ocorrida na segunda metade do século XVIII, foi a mudança de uma leitura intensiva para uma leitura extensiva. Diferenciaremos seus conceitos, respectivamente, de acordo com a definição que Chartier (2003, p. 36) aborda sobre leitor intensivo e extensivo:

O leitor intensivo é confrontado com um corpus limitado e fechado de textos, lidos e relidos, memorizados e recitados, entendidos e conhecidos de cor, transmitidos de geração em geração [...] o leitor extensivo consome numerosos e diversos impressos, lê com rapidez e avidez, exerce uma atividade crítica que não se subtrai a qualquer domínio ou dúvida metódica.

Assim, a leitura afirma-se como parte interessada de uma cultura. Definir o que é leitura e suas práticas, para Barthes (2004, p.31), não é coisa simples:

[...] nem mesmo sei se é preciso ter uma doutrina de leitura; não sei se a leitura não é, constitutivamente, um campo plural de práticas dispersas, de efeitos irredutíveis, e se, conseqüentemente, a leitura da leitura, a metaleitura, não é nada mais do que estilhaçar-se de idéias, de temores, de desejos, de gozos, de operações, de que convenha falar à medida que surjam, à imagem do plural de grupos de trabalho que constitui esse congresso.

Neste trabalho, a questão leitura ou práticas de leitura vai estar diretamente relacionada com um leitor específico: José Simeão Leal. Analisar suas leituras significa interrogar seu modo particular de ler um texto ou sobre o que nele se lê. Essas variáveis dependem também de sua cultura, de suas determinações sócio-históricas, de seus desejos, de sua inteligência e de seu inconsciente.

### **3 JOSÉ SIMEÃO LEAL: o leitor de carne e ossos**

O paraibano José Simeão Leal nasceu em 13 de novembro de 1908, na cidade de Areia. Seus pais foram Alfredo dos Santos Leal e Maria de Almeida Leal, esta, irmã do paraibano José Américo de Almeida, também nascido em Areia, e, conseqüentemente, tio de Simeão Leal.

Sua carreira médica foi reservada para dar lugar ao seu encantamento pelo mundo das artes e pela cultura, mas ainda assumiu cargos públicos de grande importância, tanto no Estado da Paraíba como no Rio de Janeiro, onde trabalhou no Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, e exerceu o cargo de Diretor do Departamento do Serviço Público na Paraíba.

Com o exercício dos cargos públicos, aproveita-se da facilidade que lhe proporcionavam e desenvolvia pesquisas sobre o folclore paraibano, sobre hábitos alimentares das famílias paraibanas. Em 1940, pesquisou sobre as expressões nordestinas da cultura popular e, paralelo a esse estudo, registrou, em João Pessoa escritos sobre o Catimbó,

Caboclinhos, Congos e as Pastorinhas, Nau-Catarineta em Cabedelo e manifestações afro-brasileiras, ameríndias e a medicina popular em Bayeux.

Apesar das grandes pesquisas no Estado da Paraíba, Simeão Leal e sua esposa retornam ao Rio de Janeiro, pois ela não havia se adaptado à Paraíba.

Então, em 13 de janeiro de 1947, sob a influência de seu tio, José Américo de Almeida, José Simeão Leal foi nomeado para o Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Saúde. De posse do cargo, transforma o Serviço de Documentação (SD) numa grande editora oficial do Brasil na política cultural. Teve a capacidade de incentivar intelectuais de todo o Brasil a desenvolverem ensaios sobre cultura, retratando costumes e hábitos regionais no Brasil. “Simeão Leal foi um disseminador de idéias inovadoras na cultura local, com vários tipos de influências, atuando culturalmente no Brasil e em outros países”. (DUTRA, 2004, p. 36)

Com o desenvolvimento desses ensaios sobre o Brasil, confeccionados por escritores, cientistas, técnicos e artistas, Simeão Leal alcançou o objetivo de circular por todos os estados brasileiros e outros países as publicações editadas em mais de dois milhões e meio de volumes, a fim de disseminar a cultura nacional para a população.

Prova de todo esse desempenho no Ministério da Educação e Saúde foram as cartas recebidas:

Nas cartas e nas visitas, Simeão Leal sempre recebia dos amigos, artistas, intelectuais e políticos conselhos, pareceres e pedidos dos mais diversos assuntos, justamente por conta de seu posto no SD do Mec. Expedidos de publicações, favores pessoais, empregos, e exibiram um enorme leque de personalidades da vida política e cultural do país. (DUARTE, 2001, p. 155 – 156)

É bom lembrar que José Simeão Leal não costumava responder a boa parte de suas cartas por escrito, porém respondia várias solicitações contidas nelas com atitudes.

### **3.1 VESTÍGIOS DE LEITURA: correspondências em análise**

Diante de toda a trajetória transcrita sobre a vida de José Simeão Leal, cabe-nos agora reconstruir o seu perfil, enquanto leitor.

Como um apaixonado pela leitura, tinha um sonho que era de o Estado da Paraíba oferecer ao público uma biblioteca como a sua, ou seja, uma biblioteca que detivesse informações culturais da literatura vigente, mas essa realização só aconteceu *in memoriam*, quando sua esposa, D, Eloah Drummond Leal fez a doação do seu acervo ao Estado da Paraíba, contendo livros, documentos, autógrafos e obras artísticas de 50 anos.

Diante de aproximadamente 324 cartas que apresentavam como correspondentes intelectuais nacionais e internacionais, reconstruímos o perfil leitor de José Simeão Leal, através dessas correspondências, que revelavam em Simeão o gosto pela leitura. Essa afirmação é percebida em inúmeras cartas de pedidos de exemplares da Revista Cultura, de agradecimentos por pedidos atendidos, por correções de artigos, revistas, livros, de convites, apresentações, entre outros. Logo constatamos que é real sua paixão pela leitura, pois as cartas direcionavam a confirmar que ele era um intelectual de alto nível, influente na sociedade e, certamente, não conseguiria esse título se não fosse em busca do conhecimento através da leitura. Essa prática o fez ultrapassar fronteiras da repressão política, deixando marcada a sua trajetória na história do Brasil.

A análise das cartas aponta trechos que ajudam a desvelar a prática leitora de José Simeão Leal, focada sob a ótica teórica da sua prática cotidiana.

São Paulo, 03 de julho de 1944.

[...] creia que não o esqueci o que conservo a melhor recordação dos bons momentos que passamos juntos, de nossas conversações sobre o folclore paraibano e que sou particularmente agradecido ao senhor por tudo quanto fez para facilitar meus estudos em João Pessoa [...] faço votos para que o senhor esteja continuando a por em ordem as suas numerosas e tão sugestivas fichas que tão útil serão aos pesquisadores.

Roger Bastide

Observa-se, nesse trecho, que Simeão, ao ler, também se preocupava em fazer anotações (fichas) dos seus estudos a fim de que outras pessoas também instigassem pelo conhecimento, ou seja, ele era um facilitador de pesquisas. Essas anotações são caracterizadas como uma boa maneira de ler, segundo Abreu (2003), que aponta que a escrita (anotações) é auxiliar da leitura.

São Paulo, 29 de agosto de 1945

[...] mandei ao prezado amigo uma separata da Revista do Arquivo Municipal “Estudos afro-brasileiros” [...] Estava para mandar-lhe também meu livro sobre minha viagem no Nordeste quando recebi sua carta [...] agradeço também para o livro de Wanderley. Uma vez acabada sua leitura, escrevo ao senhor minhas impressões ou talvez falo do livro num artigo meu.

Roger Bastide

Percebe-se aqui um raro momento, já que Simeão não tinha o costume de responder as suas cartas, no entanto atendia, na medida do possível, aos inúmeros pedidos e favores como veremos adiante.

Rio de Janeiro, 04 de agosto de 1947

Li o trabalho que deseja publicar sobre o Instituto. A princípio pensei que, com algumas notas a lápis, poderia indicar os trabalhos feitos, mas depois me pareceu melhor discriminá-los pelas revisões e lições para que não haja lapsos [...] o arranjo do contexto ficará confiado à competência de seu redator.

Aragão [?]

Apresenta a preocupação de Simeão em escrever um texto sem erros, sofrendo assim algumas alterações a título de esclarecimentos sobre o trabalho a ser publicado.

#### **4 MARCAS DE CONVIVÊNCIA: entremeando os bastidores de um leitor silencioso e extensivo**

Foi abordado, até agora, o perfil de José Simeão Leal, durante o período em que ocupava cargos públicos e políticos. Trataremos, nesse momento, de um Simeão leitor na sua intimidade com o livro, dentro da sua biblioteca particular, que possui uma vasta riqueza de conhecimento, composta de obras diversas, como a História brasileira contemporânea, que vai da Historiografia ao Folclore, das Artes Visuais ao Teatro, da Museologia à Comunicação, da Música às Ciências. As revelações apontadas foram resgatadas através da história oral,

concebida pelo professor Francisco Pereira da Silva Júnior, conhecido como Chico Pereira, um dos maiores amigos paraibanos de Simeão, com quem muito conviveu. Portanto as práticas de leitura serão abordadas e analisadas diante do discurso do entrevistado, confrontando-as com a literatura vigente.

A prática de leitura de Simeão começa quando ainda estudante em Areia e depois no Liceu da Paraíba, uma escola por onde passaram as grandes figuras da cultura paraibana, inclusive Tomaz Santa Rosa, uma pessoa que vai se tornar o maior amigo de Simeão. Dizia ele, em um determinado depoimento que Santa Rosa o iniciou nas Artes, colocando a sua disposição informações, principalmente, sobre Arte Moderna.

Então, se a prática de leitura no século XIX é a leitura do romance ou da poesia, talvez Simeão quem vai inaugurar no Brasil uma literatura até então não muito procurada. Preocupação tanto das Instituições Públicas como das editoras comerciais, o Brasil era um país que editava muito romance de viagens, e é Simeão que inaugura “Ensaio”, e vai estimular os literários a escreverem sobre o Brasil, porque as editoras só se interessavam por livros históricos de vultos importantes da história ou então livros destinados à pedagogia.

Não havia aquele livro rápido, aquela pequena informação. No fundo era a literatura que faltava para que os estudantes e o povo brasileiro compreendessem o país, isso foi possível com a produção de Ensaio. E nesse sentido o Brasil deve muito a Simeão, por ter introduzido mais essa possibilidade de leitura.

Depois, veio a criação da Revista Cultura porque, até então, não havia uma publicação oficial que se interessasse periodicamente para trazer as residências às figuras importantes da cultura brasileira falando sobre o Brasil. E foi Simeão que criou o Caderno de Cultura. No tempo de Simeão, havia um certo obscurantismo cultural, as pessoas do Sul não sabiam o que era o Amazonas e as pessoas do Nordeste não conheciam o Centro-Oeste, isto é, os brasileiros não conheciam uns aos outros culturalmente. Portanto, Simeão, com sua revista, contribuiu para as mudanças desses quadros.

Simeão era um homem que tinha o costume de passar muito tempo em casa, e, boa parte desse tempo, ele se encontrava lendo, sempre com o livro à mão, o que faz lembrar o poema de Castro Alves:

[...] Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!

E sempre com livros sobre a mesa, sempre lia em voz baixa. A leitura de Simeão em voz baixa é caracterizada em nosso trabalho como a leitura do foro privado, em que o leitor está totalmente voltado para o texto, isolando-se do meio externo direcionado para suas coleções particulares, isto é, sua Biblioteca.

Ao redesenhar a cena, o narrador retrata que Simeão costumava ler numa poltrona que declinava; era um móvel de estilo muito sofisticado. Boa parte do mobiliado dele foi feito por um artesão e escultor português que veio para o Brasil e que se transformou no destaque do design brasileiro. Essa poltrona era de tecido amarelo, um pouco reclinada e muito confortável. Ele lia com a ajuda de um candelabro que era moderno para a época (uma haste inclinada e um cone com a lâmpada interna) cujo interruptor ficava no chão, no qual ele pisava e a luz apagava ou acendia. Ele lia sempre nesse mesmo local, nessa poltrona, tendo ao lado uma mesa redonda, onde ficavam os livros que ele estava lendo naquele momento. Eram coisas novas ou da sua biblioteca, eram as suas (re) leituras. Nesse cenário, revela-se um leitor que, em casa, prima pela leitura do foro privado e, ao mesmo tempo, um leitor extensivo, ávido por livros.

A biblioteca de Simeão era a sua fonte de pesquisa. Sempre que vinha alguma idéia ou pensamento, ele tirava da estante os seus livros para ler ou folhear, mas sempre os devolvia ao mesmo lugar. Uma coisa curiosa é que sua biblioteca não era catalogada nem organizada tecnicamente; ali não haviam fichas, e o seu acervo era constituído por milhares de livros, tanto da literatura européia quanto da brasileira, mas, excepcionalmente, a literatura norte americana. No entanto ele localizava qualquer obra num intervalo de tempo muito curto. E aí havia muita facilidade para ilustrar com seus livros as conversas com os amigos que o visitavam e gozavam da sua generosa amizade. Essas marcas mostram-nos um leitor com dimensão argumentativa, pois tinha a intenção de convencer através do texto ou de ilustrações e das interpelações.

Simeão possuía livros importados, fisicamente grandes, então manuseava-os no colo, com cuidado. Os livros de Artes, por exemplo, pulatinamente tomaram conta de sua biblioteca. Dizia ele que não existia nada de novo na Arte, tudo o que estava se fazendo já fora feito, inclusive a Revolução da Arte Moderna. Para ele, era difícil alguém fazer algo novo. Tinha uma paixão pela Arte Moderna e pela Arte Contemporânea, e isso o levou a sempre estar cercado de artistas contemporâneos, por alguns dos quais tinha predileções destacando-se Antônio Dias, paraibano de Campina Grande, o qual Simeão Leal considerava uma das maiores revelações da Arte Brasileira, pois sua arte era mais que uma manifestação material, uma arte que falou por si mesma, que foi o resultado de um pensamento, do intelecto, ou melhor, era a comunicação do interior. Mas não só era de artistas que ele sempre estava cercado, também havia os filósofos acadêmicos e, acima de tudo os artistas jovens, pois eles o procuravam para se aconselhar, porque, da mesma forma que como elogiava, ele não mentia.

Simeão Leal foi um ávido e incansável leitor. Além do seu acervo particular, lia diariamente, vários jornais e, com muita dedicação, o Jornal do Brasil, de que era assinante. Foi um apaixonado por este jornal .

Ele tinha uma capacidade muito grande de ler a notícia e interpretá-la, caracterizando-a; tinha dimensão cognitiva por perceber e decifrar os signos e interpretar o que se tratava, ou seja, ia além do que as entrelinhas mostravam e diziam em função da grande cultura que detinha, enxergava as coisas com muita facilidade e compreendia os acontecimentos. Era um homem muito atualizado, tinha paixão pelas coisas novas, fosse na área da tecnologia, da arquitetura, da gastronomia etc.

Outra curiosidade é que as pesquisas que ele fazia sobre cultura, folclore, hábitos alimentares, entre outras tantas mais, eram apresentadas em fichas, possuía mais de trezentas e oitenta mil que eram guardadas em cima do teto, cujo forro ele baixara para colocar essas caixas com as fichas.

A leitura de que ele mais se ocupava era relacionada às Artes, mas também a leitura humanística era muito vasta, como mostra a sua Biblioteca, que era voltada para o Humanismo, a História, a Arte, e muitos romances (ele era um leitor de romances). O curioso é que ele gostava muito de romance policial, não como passa-tempo, mas dizia ser um exercício mental, pois ajudava a desenvolver o raciocínio. Isso parece corroborar com as idéias de Antônio Candido, para quem a literatura se constitui um instrumento de conhecimento crítico.

Outra grande paixão, para além das Artes, era pelo romance clássico, o que nos faz perceber que Simeão Leal era um leitor de obras universalizadas e não fazia onde nenhuma restrição à leitura, sendo isso comprovado quando nosso entrevistado revela que Simeão era também um leitor de gibis. Portanto, ele não lia só pelo prazer de ler, mas, acima de tudo, para o desenvolvimento mental e o aguçamento intelectual.

## 4 UMA TENTATIVA DE CONCLUSÃO

Ao término desta pesquisa sobre as práticas de leitura de José Simeão Leal, retomamos um passado não muito distante, revelado por meio das correspondências recebidas por esse leitor agregado aos recursos da história oral.

Na investigação para a caracterização do perfil leitor do intelectual Simeão Leal, é necessário reconhecer que quem se aproxima da sua trajetória histórica através de suas cartas e/ou outras fontes, correrá o risco de um encantamento pessoal por esse personagem de personalidade curiosa, inclusive em relação à própria vida e, em consequência, o amor aos livros, ao conhecimento.

Foi através das cartas que percebemos a grande relevância de José Simeão Leal para a sociedade da época, que se encontrava num momento de instigação para a construção do conhecimento intelectual do Brasil. Ele foi um incentivador nato de novos escritores. Editou-os com o objetivo de divulgar a cultura do Brasil em todas as regiões e para o povo brasileiro.

Além de ser um homem culto, que amava a vida, foi um apreciador do belo, da moda, da tecnologia e de suas revoluções. Foi ao mesmo tempo, um homem conservador, ou seja, suas coisas ou objetos deveriam estar sempre no mesmo lugar.

Dessa forma, Silva Júnior (1997, p.32) sintetiza essa peculiar personalidade ao expressar:

[...] A *Lenda da Rosa* nos lembra O Nome da Rosa, de Umberto Eco, e nos remete também ao mistério que perpassa todo esse excelente romance do mestre italiano. Lembra o próprio mistério que foi a vida de Simeão Leal, que morreu sem ter deixado um legado autobiográfico, o que nos obriga a desvendar, nesse labirinto de oferecimentos e cantos ao seu mecenato, não só a sua personalidade e atuação, mas todo esse mistério através do qual a sua geração ajudou a construir a face moderna do Brasil. É esta a tarefa que nos desafia, já que a Paraíba felizmente guarda hoje tal esfinge sob a forma de seus documentos, livros, autógrafos e obras de arte.

### ***MEMORIES OF READING: reading practice in José Simeão Leal***

#### ***Abstract***

*This work rebuilds the reader's profile of the Paraibano José Simeão Leal through the analysis of some fragments extracted from letters received by him and which belong to the Fundo Arquivístico José Simeão Leal, and its contribution to the Oral History. The corpus analysis revealed aspects, gestures and habits of the peculiar ways of reading, some times individually some times extensively. The results prove some possible legibility in Simeão's reading practice.*

#### ***Keywords:***

***READING PRACTICE  
MEMORY  
READING***

#### **REFERÊNCIAS**

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, Fapesp, 2003. 382p.

Biblionline, v.2, n. 2, 2006

- BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica*. 2ed. São Paulo: Makron books ltda, 2000. 136p.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 462p.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. 241p.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 279p.
- CHARTIER, Roger. *Formas e sentidos cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, Fapesp, 2003. 167p.
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004. 396p.
- DUARTE, Patrício Araújo. *Revista Cultura: modernidade gráfica e informacional*. 2001. 213f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.
- DUTRA, Cecília Alessandra Silva Rimar. *José Simeão Leal: na tessitura da história cultural brasileira*. 2004.106f. Monografia (Biblioteconomia)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 240p.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175p.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. 3ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2002. 271p.
- JOUVE, Vicente. *A leitura*. São Paulo: UNESP, 2002. 161p.
- KRAMER, Sonia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Ática, 1993. 213.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 405p.
- MEIHY, José Carlos Sede Bom. *Manual de história oral*. 2ed. São Paulo: Loiola, 1998.
- NÓBREGA, Evandro. *A revolução silenciosa: está nascendo a biografia de José Simeão Leal*. **Paraíba Cultural**, João Pessoa, v.32, n.12, p.27-29, dez. 1997.
- PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, Fapesp, 1999. 216p.
- RICHARDSON, Roberto Jarry et al. *pesquisa social: métodos e técnicas*. 3ed. São Paulo: Atlas, 1999. 334p.

SANTOS, Izequias Estevam dos . *Textos selecionados e técnicas de pesquisa científica*. 3ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2001. 296p.

SILVA JÚNIOR, Francisco Pereira da Silva Júnior: depoimento [maio]. Entrevistador: V. Perpétua Emília Lacerda Pereira. João Pessoa-PB, 2005. 1 fita (60min). Entrevista concedida para elaboração de capítulo do Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia/UFPB/CAMPUS I.

SILVA JÚNIOR, Francisco Pereira. Viagem à sentimental biblioteca de Simeão. **Paraíba Cultural**, João Pessoa, v.32, n.12, p.30-32, dez. 1997.

ZILBERMAN, Regina *et al.* *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 344p.